

A FORÇA DO MITO ZÉ RAMALHO

Avaliando 40 anos de carreira, o famoso autor e intérprete fala de tudo: da criação de músicas, história em si, drogas, sucesso, fases difíceis e a superação com nova vida

Por **WALTER SANTOS**

A atual fase de Zé Ramalho comemorando 40 Anos de carreira artística não poderia ser melhor: cuida bem da saúde, convive com a família, amigos e vida de cantor e compositor num dos melhores momentos. Mas, ao longo do tempo, nem tudo significou conquistas. Nesta ENTREVISTA EXCLUSIVA, ele abre o peito e cabeça para abordar detalhes de sua trajetória, desde quando deixou João Pessoa, em 1978, e apresentou ao mundo "AVOHAI, seu primeiro grande Sucesso de uma série imensa. Com lucidez e encantamento, ele explica como conviveu com alucinógenos e avalia como autores influenciaram na sua vida, desde quando deixou a Medicina para se dedicar à Música. Zé Ramalho aborda a força do Nordeste, Tropicalismo e até da acusação de plágio de "Força Verde", de onde nada se provou mas conviveu com massacre da mídia. "Sai como um Prometeu acorretando do Monte Cáucaso". Mas ele venceu a todos os obstáculos se preparando agora para nova etapa de vida longe e perto do Gado - o povo de sempre.

Revista NORDESTE: 2018 assinala uma data importante na sua carreira artística porque registra 40 anos de "AVÔHAI", seu primeiro grande sucesso. Olhando para todo esse tempo passado, quais as imagens que se evidenciam como símbolo depois do clip veiculado no "Fantástico" como marco definitivo?

Zé Ramalho: A origem da música "Avôhai", decorreu-se em meio a experiências alucinó-

A ORIGEM DA MÚSICA "AVÔHAI" DECORREU-SE EM MEIO A EXPERIÊNCIAS ALUCINÓGENAS, NOS PASTOS DAS FAZENDAS ENTRE PARAÍBA E PERNAMBUCO. SEM ESSAS EXPERIÊNCIAS NÃO HAVERIA ESTA CANÇÃO

genas, nos pastos das fazendas entre Paraíba e Pernambuco - porque, sem essas experiências que eu fiz, com certeza não haveria a mensagem do "Avôhai". Note que, na própria letra da música, há uma descrição dessa experiência. "Amanita matutina, que transparente cortina ao meu redor"... Quem tiver curiosidade de saber o que é "amanita" é só buscar no Google. É o início das imagens que você perguntou. Essas experiências, época da formação musical, muito rock, show "Atlântida" no Teatro Santa Roza,

(foi o primeiro show de rock conceitual da Paraíba) e a decisão definitiva de vir para o Rio de Janeiro, em 1976, deixando para trás, a faculdade de Medicina da Paraíba. A luta diária no Rio de Janeiro para estar vivo: alimentação, roupas limpas e passadas, um lugar para dormir. Cada dia essas questões eram batalhadas. A longa peregrinação pelas gravadoras do Rio e a negativa dos gerentes que escutaram minhas músicas, começando sempre por "Avôhai". Depois de ouvi-la, eles torciam o rosto e balançavam a cabeça negativamente... Até que, na CBS, a porta se abriu e foi

com "Avôhai" que o então presidente da multinacional, Jairo Pires, abriu os braços, depois de ouvi-la e disse: vamos gravar! Vamos assinar um contrato! A música foi gravada com a participação excepcional do músico inglês Patrick Moraz, que nessa época era tecladista da banda inglesa YES e estava no Brasil. Ele foi levado pelo produtor do meu disco para fazer a gravação. São marcos importantes referentes à essa música, pois tudo começou com ela. A estreia do disco nas rádios da época, sendo recebida como uma novidade, foi avassaladora. E o início também nos palcos do Rio, quando o show foi apresentado no Teatro Tereza Rachel, dando início à longa jornada que se seguiria.

NORDESTE: Como você encara na memória o seu show de despedida, em 1978, durante show memorável no Teatro Santa Roza? À época, além do som e letras, chamaram a atenção o uso de brilho à lá "Secos & Molhados" e a cena da guitarra jogada no aparelho de TV...

Zé Ramalho: Walter, vamos organizar. O ano era 1976 e esse show no Teatro Santa Roza foi uma despedida minha da cidade, pois estava de malas prontas para vir para o Rio de Janeiro.

LIA LIVROS DE CASTAÑEDA, DE ALDOUS HUXLEY E ALGUNS QUE JÁ FALAVAM EM DISCOS VOADORES, CIENTIFICAMENTE. O AMBIENTE DO CAMPUS UNIVERSITÁRIO DAVA AURA

ro. Os paetês, purpurinas, atitudes de quebrar uma TV no palco, cortar os cabelos, que eu executei, eram os testes que eu fazia nesses shows, dos meus limites. Eu estava experimentando tudo! O que excedia e o que faltava foram detectados e foi assim que aconteceu.

NORDESTE: *Você representa uma geração talentosa de nordestinos que ousou encarar a difícil barra de viver no Rio em busca de luz ao sol, mas que venceu. Qual a marca e o tamanho do que isso representou na sua formação humana para chegar à superação e reconhecimento nacional?*

Zé Ramalho: Muita resistência, muita certeza e muita coragem, pois, como diz a canção do Belchior, ...“sem parentes importantes, vindo do interior”... e não foi fácil. As músicas estavam prontas. Como se tratavam de músicas ousadas, principalmente com minhas letras incomuns, foi muito difícil não desistir. Porque, todas as negativas eram desanimadoras e eu nunca mais voltaria para João Pessoa sem ter resolvido essa questão da minha carreira musical e de compositor.

NORDESTE: *Como foi conviver, à época, sob a direção de Carlos Al-*

berto Sion, diante de tantas estrelas, como Elba, Alceu, Cátia de França, Fagner, etc – todos consolidados na MPB? Você acreditava que chegaria onde chegou?

Zé Ramalho: Eu acreditava em mim o tempo todo. Se me sobressaí desse bloco, não foi pelo produtor, nem por ninguém, foi porque o meu material estava já começando a ebulir. E seria uma questão de tempo, até começar a ser consumido pelo grande público.

NORDESTE: *Sua trajetória mostra que você conquistou muitas gerações, ainda hoje as mais novas, com letras futuristas entremeadas de valores do sertão, as dores do cotidiano – ADMIRÁVEL GADO NOVO, inclusive sob influências especiais, como está na presença de pensadores como Freud em AVÔHAI. Até onde sua condição de ex-acadêmico de Medicina lhe fez um autor mais versátil, mais Augusto dos Anjos?*

Zé Ramalho: Isso se deve à fase em que eu li muito na minha vida. Na Vila do Sossego, lá em Manaíra, foi o período em que eu tive uma aproximação com livros, muito forte. Lia livros de Castañeda, de Aldous Huxley e alguns que já falavam em discos voadores, cientificamente, além do que, eu aprendia muito nas letras dos discos que eu ouvia. O ambiente do campus universitário também dava uma aura, um ambiente de intelectualidade que me levava a procurar esse tipo de leitura. Muita coisa ficou no meu inconsciente e quando estava fazendo as músicas aparecia em flashes. Por exemplo: “meu treponema não é

pálido, nem viscoso”... coisas das aulas de medicina, expressões em latim (o treponema pallidum é o bacilo da sífilis) aparecem nas minhas músicas como dezenas de outras. São leituras que, hoje em dia, eu não faço mais.

NORDESTE: *Brejo do Cruz e seu avô lhe fizeram um autor urbano sem desgrudar da cena rural. Morar no Rio e pouco estando nos últimos tempos mais perto do sertão, no cotidiano, lhe fizeram distante da abordagem poética sertaneja na atualidade?*

Zé Ramalho: Talvez. De qualquer forma, o que eu tinha de sertão, Nordeste, Cariri, todos esses ambientes nordestinos aparecem nas minhas músicas. São muito profundas as lembranças que eu tenho da minha origem sertaneja. E é claro que morar numa cidade como Rio ou São Paulo provoca um grande choque cultural. Você se depara com grandes metrópoles, milhares de pessoas andando nos projetos do futuro. E foi o que eu senti e percebi logo que me estabeleci no Rio de Janeiro. O “Admirável Gado Novo” é uma dessas músicas que retrata minha visão urbana do que eu estava presenciando.

NORDESTE: *Os fatos e as narrativas sequenciadas da História, provam que são muitos nordestes dentro de um só. Sua geração chegou com pernambucanos e cearenses, mas lá já estavam baianos, sobretudo os baianos, maranhenses, etc. Qual a leitura e análise que você faz da influência nordestina na música brasileira? O que seria do Brasil sem essa gente?*

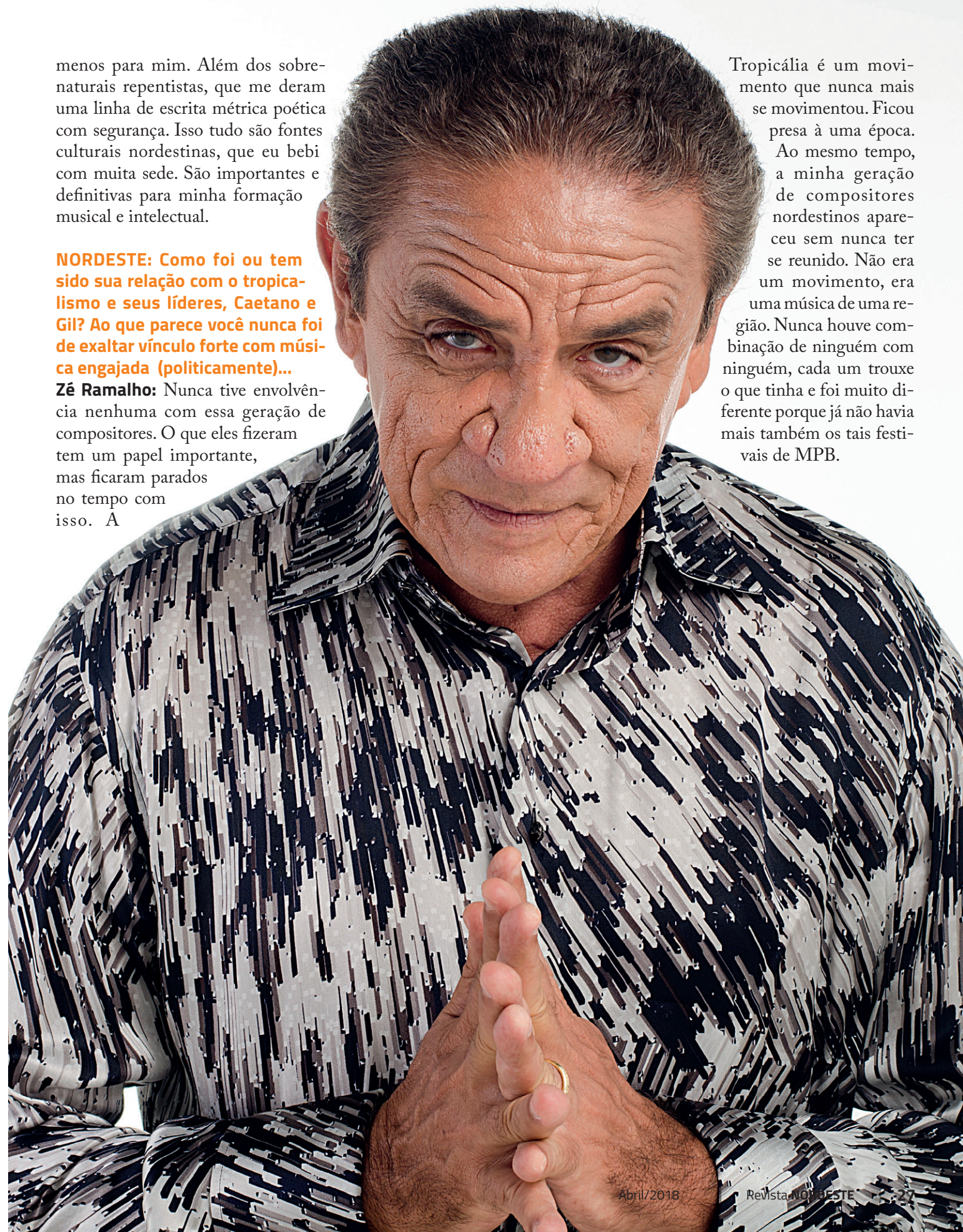
Zé Ramalho: O que seria do Nordeste e da música brasileira sem Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro? Esses são os inventores e desbravadores das posturas verdadeiras que um artista, dito do Nordeste, deve ter. Sem eles não haveria referência nenhuma, pelo

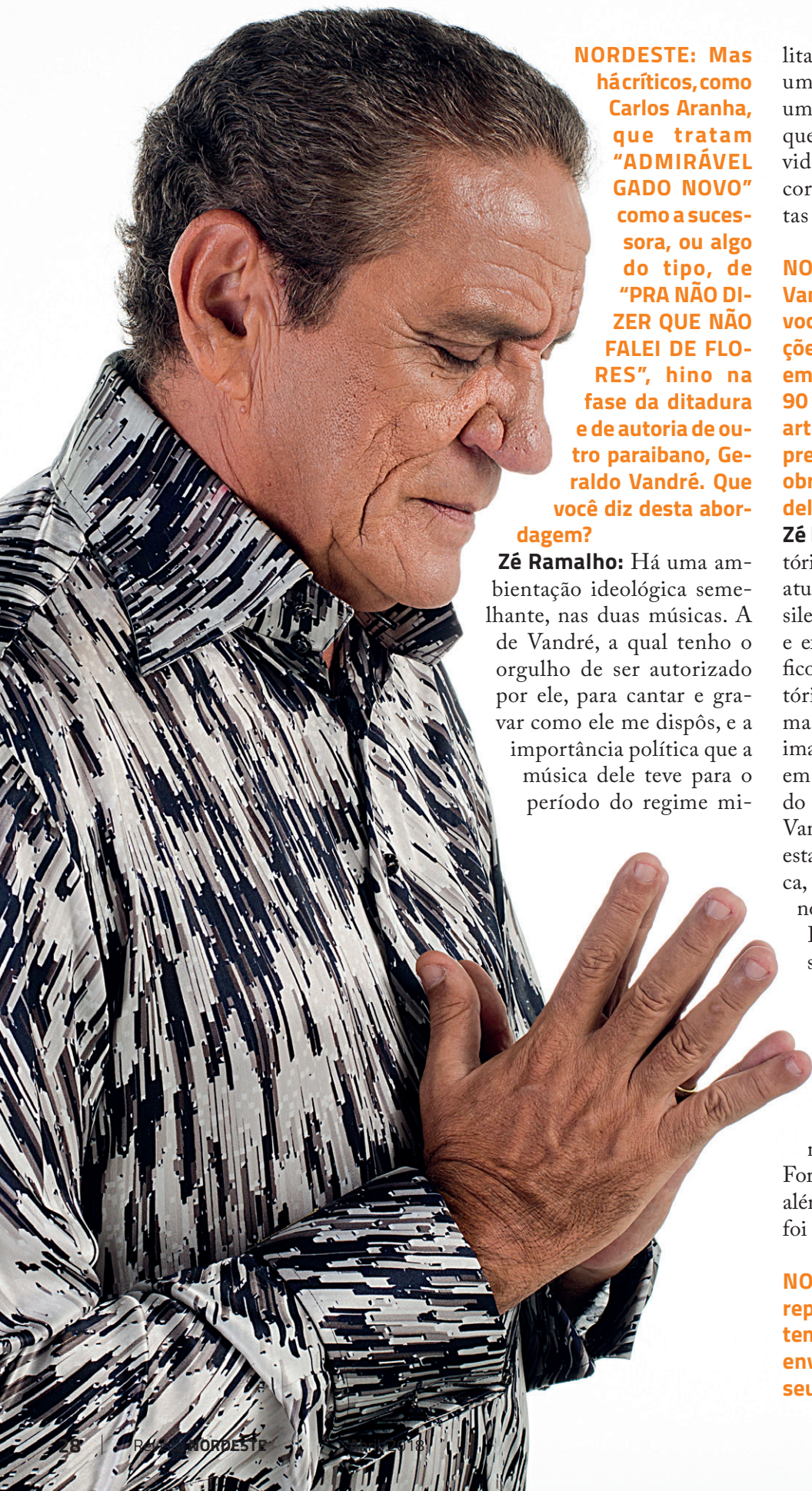
menos para mim. Além dos sobrenaturais repentistas, que me deram uma linha de escrita métrica poética com segurança. Isso tudo são fontes culturais nordestinas, que eu bebi com muita sede. São importantes e definitivas para minha formação musical e intelectual.

NORDESTE: *Como foi ou tem sido sua relação com o tropicalismo e seus líderes, Caetano e Gil? Ao que parece você nunca foi de exaltar vínculo forte com música engajada (politicamente)...*

Zé Ramalho: Nunca tive envolvimento nenhuma com essa geração de compositores. O que eles fizeram tem um papel importante, mas ficaram parados no tempo com isso. A

Tropicália é um movimento que nunca mais se movimentou. Ficou presa à uma época. Ao mesmo tempo, a minha geração de compositores nordestinos apareceu sem nunca ter se reunido. Não era um movimento, era uma música de uma região. Nunca houve combinação de ninguém com ninguém, cada um trouxe o que tinha e foi muito diferente porque já não havia mais também os tais festivais de MPB.





NORDESTE: Mas há críticos, como Carlos Aranha, que tratam “ADMIRÁVEL GADO NOVO” como a sucessora, ou algo do tipo, de “PRA NÃO DIZER QUE NÃO FALEI DE FLORES”, hino na fase da ditadura e de autoria de outro paraibano, Geraldo Vandré. Que você diz desta abordagem?

Zé Ramalho: Há uma ambientação ideológica semelhante, nas duas músicas. A de Vandré, a qual tenho o orgulho de ser autorizado por ele, para cantar e gravar como ele me dispôs, e a importância política que a música dele teve para o período do regime mi-

litar. O “Admirável Gado Novo” é uma sequência dessa intenção. É uma convocação geral das pessoas que estão à procura de um sentido na vida. Essas músicas tendem a guiar corações e mentes que estejam atentas a esses esclarecimentos.

NORDESTE: Por falar em Geraldo Vandré, em certa fase de sua obra você interpretou as grandes canções de seu ídolo, vimos você e ele em encontro memorável nos anos 90 em Areia Dourada, fruto de uma articulação nossa. O que isso representou, qual seu olhar sobre a obra de Vandré e como vê o silêncio dele nos últimos tempos?

Zé Ramalho: Vandré é um autor histórico que teve um período de grande atuação na música nordestina-brasileira. Suas letras eram instigantes e explicitamente políticas. Com ele, ficou guardado um período da história musical brasileira. Tive muito mais encontros com ele do que se imagina. Na verdade, numa ocasião em Foz do Iguaçu, perto da fronteira do Paraguai, eu ia fazer um show e o Vandré me procurou no hotel, pois estava residindo no Paraná, nessa época, e me pediu para abrir um espaço no meu show, para ele se apresentar. E foi o que aconteceu. Ele inclusive me pediu para participar de um jogral poético, ao qual atendi prontamente. A plateia viu, nesse tempo, o único e último show de Geraldo Vandré no Brasil. Além de, em outra ocasião, tê-lo hospedado em minha residência, quando morei em Fortaleza. E tudo que eu absorvi dele, além do misterioso comportamento, foi também respeito e sabedoria.

NORDESTE: Na sua obra imensa repleta de hits consagrados, existem fases especiais, mais uma vez envolvendo nordestinos. Uma foi seu encontro com Vandré, Sivuca,

Glorinha Gadelha, Vital Farias e Livardo Alves, que parece ter estimulado você a produzir o CD “NAÇÃO NORDESTINA”. Como esse diálogo gerou efeitos de retroalimentação poética em sua carreira?

Zé Ramalho: Nação Nordestina não foi com certeza impulsionado por esse encontro! Na verdade, o disco foi inspirado, quando por um acaso do destino, eu escutei a música de Livardo Alves, “Meu País”, dentro de um veículo, que estava me levando para um show, no interior da Bahia. Era uma gravação de Flávio José, cantando essa música. Ao escutá-la, achei tão política, tão precisa, tão forte, que pedi ao motorista que me cedesse aquele disco que eu estava ouvindo. Trouxe o disco para casa e cada vez que eu escutava, ia formando a ideia de fazer um disco só com autores nordestinos, mostrando o lado político de cada um deles. E isso foi em 2000. O disco foi se formando, quase no período de um ano que eu fiquei amadurecendo a ideia. E foi, inclusive, indicado ao Grammy Latino de melhor disco de música regional. Um detalhe sobre essa música “Meu País” - a época, em 2000, foi a época em que o Lula estava em campanha para presidente. Escutaram minha gravação de “Meu País”. O comitê de publicidade da campanha de Lula escutou a gravação e me procurou, pedindo para eu autorizar o uso da minha gravação para a campanha do PT. Expliquei que os autores eram Orlando Tejo, Livardo Alves e Gilvan Chaves, que ainda estavam vivos. Eles queriam a minha versão. Como não estavam oferecendo ônus nenhum, eu não autorizei, porque vivo do que faço e não sou peão de nenhum partido político, nunca fui e nem nunca vou ser!

NORDESTE: Noutro instante, a sua construção do projeto sobre o genial baiano Raul Seixas, eis que Paulo Coelho não permitiu seu mergulho mais vasto em torno do

“Maluco Beleza”. Como foi conviver com isso? Gostou do resultado do trabalho, mesmo assim?

Zé Ramalho: O disco abordando o trabalho de Raul Seixas, poderia ter ido em outra direção, porém, o que saiu foi no formato “todas as músicas são de autoria de Raul Seixas”. Não falo em motivações e isso pertence ao passado. Qualquer questionamento terá que procurar outra pessoa para perguntar. O que eu fiz foi com o Raul Seixas, letra e música. Obviamente, gostei do resultado final, valorizei inclusive o lado 100% de Raul como autor.

NORDESTE: Zé Ramalho tem personalidade própria de autor e intérprete de estilo singular, sem igual, mas já chegou até ser chamado de Bob Dylan do nordeste por Nelson Motta. Isto lhe incomodou pelo seu jeito próprio, fechado, de valorizar seu protótipo especial?

Zé Ramalho: Nem um pouco! Ser referenciado com um artista como Bob Dylan é um orgulho e são poucos os que são referenciados dessa forma. Do mesmo jeito, fui referenciado também com cantadores do mundo da viola. Tipo: Cego Aderaldo, Zé Limeira, etc... a mídia e os que a abastecem precisam de referências para explicar o que eles estão consumindo. No meu caso, foram muitas as fontes bebidas: Jovem Guarda, Beatles, Luiz Gonzaga e Jackson do Pandeiro, além dos já citados cantadores e Dylan. São fontes poderosas em que mergulhei muito

“A TROPICÁLIA É UM MOVIMENTO QUE NUNCA MAIS SE MOVIMENTOU. FICOU PRESA À UMA ÉPOCA. AO MESMO TEMPO, A MINHA GERAÇÃO DE COMPOSITORES NORDESTINOS APARECEU SEM NUNCA TER SE REUNIDO”

fundo, em busca do que me atraía nesses artistas geniais. Deles retirei tudo que eu pude perceber e absorver. Fazer a fusão de tudo que eu ouvi foi uma tarefa muito mais difícil e que, só praticando eu atingiria o ponto. Foi assim que se decorreram essas referências que a mídia pressentiu no meu trabalho.

NORDESTE: Na sua trajetória de mais de 40 anos, você conviveu com problemas – algo comum na vida humana – até mesmo nas fases jovens de alucinação pelos dramas normais e até pelo uso de drogas. Com a realidade dos tempos atuais, como você encara este saldo de real influência em parte de sua obra?

Zé Ramalho: Foi importantíssima a minha atração e curiosidade por essas paragens... algo me atraía e através dessas substâncias descobri espaços dentro da minha cabeça, que eu nunca pensei que existissem. A criatividade foi impulsionada por essas viagens. E nelas eu pressenti o quão é imensa a nossa percepção e consciência. Há também o perigo de não saber retornar. Como dizia a canção de Beto Guedes: “muitos se perderam no ca-

minho, a lição sabemos de cor, só nos resta aprender”. (“Sol de Primavera”). Essas fontes revelarão para sempre o fio criativo para fazer canções, letras, sempre que eu precisar. Elas ficaram na minha memória e sei onde elas estão.

NORDESTE: Um tempo de inquietude foi encarar os efeitos de “FORÇA VERDE” por tudo o que representou. Já distante de tudo, o que você expõe como aprendizado para sempre?

Zé Ramalho: Eu estava em muita evidência na música brasileira naquele momento. Era 1981. E por ser nordestino, com meu jeito despido de vaidade, fui alvejado e tomado pela grande mídia para encher o cenário do circo. Isto é: fui denunciado, julgado e condenado! Poucos artistas no mundo resistiriam como eu resisti a um processo desses! E não me arrependo de

nada. Tudo que aconteceu foi através de um processo natural, de liberdade, de tomar uma revista em quadrinhos, ler e fazer uma música. Além do que, grandes artistas como Roberto Carlos, acusado de plágio pelo sócio, Jorge Ben, com “Todo dia era dia de índio” e na área internacional, George Harrison, com “My sweet Lord”. Todos esses exemplos que estou citando foram até o julgamento processual, coisa que não aconteceu comigo. E foi assim que a história se decorreu e consegui sair tal qual um Prometeu acorrentado, desse Monte Cáucaso, preso, que eu estava, aos grilhões da inveja, do despeito e da falta de ampla compreensão.

NORDESTE: Quem são os autores no campo da ciência, literatura, cultura nordestina que mais lhe influenciaram ou ainda influenciam?

Zé Ramalho: Como falei anteriormente, no tempo em que eu lia, na Vila do Sossego (1975/1976), os autores nordestinos que eu buscava eram, principalmente os que escreveram sobre o cangaço, tema que me fascinava. Aí vão: José Lins do Rego, Rodrigues de Carvalho com “Serrote preto, Lampião e seus sequazes” e o genial folclorista Luís da Câmara Cascudo. E alguns livros de cantadores como: “Antologia Poética de Otacílio Batista”, que foi um dos meus mestres nessa vasti-

ção poética dos cantadores. Quanto à ciência e outros temas, não eram do meu hábito ler, nessa época.

NORDESTE: Como você avalia o fato da Paraíba ser um Estado com forte presença na música brasileira, popular e erudita – vide Maestro José Siqueira, de Conceição de Piancó – terra de Pinto, Fernando Teixeira e Elba Ramalho, fundador da Orquestra Sinfônica Brasileira? Como você acompanha e sabe dos novos autores e intérpretes?

Zé Ramalho: A Paraíba tem uma polaridade muito forte na formação de artistas de vários matizes. Vivemos hoje um tempo em que não existem mais as portas que existiam para serem batidas, pelos artistas em geral. Deve ser muito difícil, para a nova geração de artistas paraibanos, não ter como veicular e converter suas obras em discos, DVDs ou livros. Porque, como eu disse, não existem mais as gravadoras como elas eram. O consumo virtual de hoje não é a mesma coisa. Não existem mais produtos tridimensionais. O virtual não diz quem são os autores das músicas, nem quem está tocando naquele arranjo, nem também ninguém reclama dessa falta. Então, para esses jovens artistas eu apenas digo que, nunca desistam! Continuem criando e fazendo suas tentativas de procurar uma brecha para



entrarem no sistema dos Itunes da vida, Spotify, Deezer, e boa sorte!

NORDESTE: O Modernismo e o Playlist continuam expondo estilos, músicas e artistas muito aquém da qualidade existente no cotidiano e bastidores. Por que a indústria cultural opta tanto pelo besteirismo de gosto ruim ou duvidoso?

Zé Ramalho: O besteirismo só existe porque tem público para consumi-lo. Pior é estações de TVs e rádios colocarem em primeiro plano, esses besteirismos da vida! Os artistas que os fazem, não têm culpa nenhuma. Se não tivesse quem os consumisse, eles nem existiriam. O tal do “levanta a mãozinha e joga o braço pra lá e pra cá” é o que leva ao sucesso, a música que não tem nada. Mais uma vez digo: as estações de rádio e TV baniram intencionalmente as músicas de qualidade, através de reuniões e decisões radicais. Lamento, pois venho de um tempo

onde a expressão artística era buscar a essência da poesia, da filosofia e das harmonias eternas. Das letras e sons que causavam emoção em quem as ouvisse e lesse. Aqui, onde moro, no Rio de Janeiro, cidade que produziu o movimento chamado Bossa Nova nos anos 60, para sempre o mundo reconheceu esse movimento devido à riqueza das harmonias e às possibilidades musicais infinitas que o movimento continha. Hoje o Rio de Janeiro cultua movimentos musicais da periferia como, o batidão funk, e letras como: “meu pau te ama”, “quem não gostar, quero mais é que se foda” e outras “preciosidades”, que são tocadas e executadas em programas de sucesso da TV brasileira e das rádios. Como diz a versão que eu gravei do mestre Dylan: ... “Tá tudo mudando”... “Pessoas loucas, tempo estranho”.. “estou trancado, eu não alcanço, porque está tudo mudando”.

NORDESTE: Quais os planos de Zé Ramalho para o futuro à frente?

Zé Ramalho: Viver, cuidar da saúde, coisa que faço diariamente e aprimorar minhas apresentações em shows por todo o Brasil. Busco a verdadeira verdade configurando as letras de cada show que eu faço. São coisas que enchem minha cabeça e me dão uma razão para levar essa minha pregação poética, psicodélica, política, musical, adiante.

NORDESTE: Que país você espera ver ao lado de Roberta, sua mulher e filhos, diante da realidade política e ética deprimentes? Como o cidadão Zé Ramalho se posiciona e analisa a conjuntura do país?

Zé Ramalho: Minha família fica fora de tudo que eu penso, não misturo as coisas. Roberta e nossos filhos são inteligentes para saberem conviver com esses assuntos. No meu caso, é muito fácil falar. Veja bem, em 40 anos de carreira já passei por regime militar,

“ERA 1981. E POR SER NORDESTINO, COM MEU JEITO DESPIDO DE VAIDADE, FUI ALVEJADO E TOMADO PELA GRANDE MÍDIA. [...] CONSEGUI SAIR TAL QUAL UM PROMETEU ACORRENTADO, DESSE MONTE CÁUCASO, PRESO, QUE EU ESTAVA, AOS GRILHÕES DA INVEJA, DO DESPEITO E DA FALTA DE AMPLA COMPREENSÃO”

regime transitório, partidos políticos sedentos de poder e fúria... Entra partido, sai partido, entra um presidente, sai uma presidente, e eu passei por tudo isso. Nunca me envolvi com nada disso, porque tudo o que eu pude captar desse universo político está nas minhas músicas. O "Admirável Gado Novo" é uma música emblemática. Não pertence a nenhuma época específica. Ela é para sempre a canção do povo marcado e do povo feliz. E só um detalhe: nessa canção eu não faço parte da massa. É a primeira frase da letra: "você que fazem parte dessa massa".

NORDESTE: Por fim, como o filho da Paraíba avalia a realidade paraibana, inclusive na gestão pública de seus problemas e soluções?

Zé Ramalho: Estou afastado da Paraíba há mais de 30 anos. Percebo e sinto o meu Estado querido nos breves dias de verão, quando passo minhas férias na paradisíaca praia de Areia Dourada. Problemas sociais do nosso Estado sempre existirão. Mas vejo muitos avanços também. Muitas melhorias na qualidade de vida e a tentativa da classe média de se alçar para a riqueza. E da classe pobre, que é a mais difícil, não ter muitas chances porque precisa de educação, estudo e cultura. Os gestores do nosso Estado sabem disso. Espero que, num futuro próximo, todas essas questões sejam conduzidas por guias mais do que políticos e por mestres que ensinem a escrita, a leitura e como usar a inteligência, principalmente, quando chegar a hora de votar em algum candidato. 📍

“ENTRA PARTIDO, SAI PARTIDO, ENTRA UM PRESIDENTE, SAI UMA PRESIDENTE. EU PASSEI POR TUDO ISSO E NUNCA ME ENVOLVI COM NADA DISSO”



Foto: Divulgação

VOCÊ JÁ COMPARTILHOU NOTÍCIA FALSA?

Você sabe de onde vêm as notícias que recebe? Checa as informações? Antes de compartilhar notícias você consulta se foram publicadas em uma mídia clássica? Disfarçadas, com linguagem alarmante e sem apuração jornalística, elas estão influenciando leitores que não conseguem identificar o que é verdadeiro e o que é falso. Não compartilhe informações sem checar a fonte! Com conteúdo comprovadamente consistente, as revistas produzem reportagens seguras e confiáveis, seja na versão impressa, on-line, no celular ou em vídeo.

REVISTAS
Eu acredito!


ANER
www.aner.org.br

ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE EDITORES DE REVISTAS
#REVISTAEUACREDITO | WWW.ANER.ORG.BR